

## MONITOR COLABORADOR: UMA EXPERIÊNCIA DE DOCÊNCIA COMPARTILHADA NO ENSINO DE HISTOLOGIA

LUCAS SCHNEIDER LOPES<sup>1</sup>; EDUARDA NACHTIGALL DOS SANTOS<sup>2</sup>;  
LUCIANE DA SILVA MARTINS<sup>3</sup> ROSANGELA FERREIRA RODRIGUES<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [luks-s-l@hotmail.com](mailto:luks-s-l@hotmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [duda.nachtigal@hotmail.com](mailto:duda.nachtigal@hotmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [vipmartins@yahoo.com.br](mailto:vipmartins@yahoo.com.br)

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – [rosangelaferreirarodrigues@gmail.com](mailto:rosangelaferreirarodrigues@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei Nº 9.394/96) caracteriza o ensino superior como uma escola formadora, atuando como um exemplo de diversidade social e profissional. Os professores que atuam nesse nível de ensino apresentam, em sua prática pedagógica, potencialidades e fragilidades, variando de acordo com a disciplina e conteúdo que está sendo ministrado. As Universidades por sua vez devem fornecer todo o suporte pedagógico para que o aluno desenvolva suas competências acadêmicas e pessoais, necessárias para o futuro profissional (FERREIRA, 2001).

Uma das formas de suporte pedagógico são as monitorias, que atuam como ferramenta de ensino-aprendizagem na busca da melhoria do ensino de graduação, contribuindo para a formação e capacitação do aluno (SCHNEIDER, 2006). Para disciplinas básicas, como a histologia que se encontra inserida no início de alguns cursos de graduação, esse suporte é essencial, pois geralmente apresentam dificuldade em assimilar os conteúdos, devido a falta de pré-requisitos do ensino médio, e/ou por alguma dificuldade prática na manipulação e visualização nas aulas de microscopia (SANTA-ROSA, 2009).

A monitoria ainda pode ser vista com um potencial pedagógico, quando o docente possibilita contribuição na organização e desenvolvimento de atividades referentes à disciplina. (FARIA, 2004). Essa prática pode ser denominada como docência compartilhada e permite ao monitor aprimorar seus conhecimentos em um trabalho conjunto com o professor, se caracterizando como uma atividade formadora (BARBOSA, 2014). Dessa forma o monitor pode ser visto como um agente ativo, no âmbito acadêmico, sugerindo metodologias de ensino ou até mesmo atuando como colaborador (SILVA, 2015).

Segundo DAMIANI (2008) a colaboração no trabalho docente é uma oportunidade de aperfeiçoamento em sua prática pedagógica. Com isso, a inovação e melhoria do ensino podem vir da relação entre professor/monitor, utilizando a experiência de ambos em benefício do aluno. Dessa forma, o objetivo do presente trabalho foi apresentar algumas perspectivas sobre a importância do monitor-colaborador na prática pedagógica e no ensino de histologia da Universidade Federal de Pelotas.

### 2. METODOLOGIA

As atividades foram desenvolvidas no decorrer do primeiro semestre de 2019, no Departamento de Morfologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), como parte do plano de trabalho do bolsista selecionado pelo programa de monitoria desenvolvido pela Pró-Reitoria de Ensino (PRE). As disciplinas

abrangidas na experiência foram a Biologia Celular e Histologia Geral e de Sistemas, do curso de Farmácia, e a disciplina de Histologia dos Animais Domésticos, do Curso de Zootecnia. Nas monitorias especiais foram disponibilizados horários para o atendimento aos alunos de forma diferenciada, com o desenvolvimento de um grupo de estudos e a utilização de uma *smart tv touchscreen* com programas interativos de anatomia, para dinamizar as monitorias. Além do desenvolvimento de uma monitoria virtual através de uma página do *Facebook*. Desde o início do semestre, o monitor acompanhou as aulas de histologia do curso de Zootecnia e Farmácia da UFPel, auxiliando os alunos em dificuldades relacionadas a aula prática. Juntamente com a professora da disciplina de histologia geral e de sistemas colaborou com a edição de aulas teóricas, buscando por materiais alternativos que poderiam ser utilizados. Além de organizar algumas metodologias de ensino a serem empregadas em sala de aula como aula invertida, gamificação e utilização de aplicativos.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação às monitorias especiais, foram realizados seis encontros, sendo três com os alunos do curso de farmácia e três com os alunos do curso de zootecnia. A metodologia utilizada foi de grupo de estudos, colocando o monitor como organizador das atividades propostas e utilizando os próprios alunos para auxiliarem uns aos outros. Como ferramenta para auxiliar no processo foram disponibilizadas as imagens das lâminas histológicas do cd de histologia básica interativa (RHEINGANTZ, 2003) na *smart tv touchscreen* do Departamento de Morfologia. Essa forma de estudo possibilitou ao monitor utilizar uma linguagem mais próxima da realidade do estudante, atuando como mediador do ensino (NAIMAM, 2016). Os alunos que participaram das monitorias especiais elogiaram a metodologia, salientando no decorrer do semestre sua importância para o seu entendimento individual do conteúdo. Isso repercutiu na avaliação da disciplina realizada pelo cobalto, na qual reconheceram o esforço da professora em inovar suas metodologias em sala de aula, e estar aberta a sugestões por parte da turma.

Na monitoria virtual, que foi desenvolvida para atendimento remoto, não ocorreu utilização pelos alunos do curso de farmácia e zootecnia como o esperado, sendo procurada principalmente para agendar monitorias presenciais. Provavelmente isso ocorreu porque os alunos não entenderam muito bem a proposta da monitoria virtual, ficando mais inseguros para contatar os monitores. Entretanto, houve uma boa receptividade dos alunos de outros cursos, que aderiram a essa forma de monitoria, evidenciando ser uma ferramenta acessível e prática.

Em relação às atividades práticas, algumas metodologias foram aplicadas ao longo do semestre, como alterar a sequência de atividades do roteiro de aula prática. Dessa forma, de acordo com o conteúdo e percepção da professora, em algumas aulas optou-se por apresentar as lâminas histológicas em sequência e após deixar os alunos livres para explorar o material. Em outras, o material foi visualizado e discutido simultaneamente com os alunos, no formato de um estudo dirigido. Foi observado nas manifestações dos alunos, sobre as diferentes abordagens, que a maioria preferia a projeção das lâminas em sequência para ter mais autonomia na busca das estruturas. Entretanto foi observado também que, alguns alunos não permaneciam na sala até o final do período, o que provavelmente contribuiu para uma diferença significativa entre o resultado das

avaliações teóricas em relação as avaliações práticas. Essa realidade dificulta um diagnóstico sobre qual metodologia seria mais adequada, pois se por um lado trabalhar a autonomia do aluno é importante, por outro é necessário maturidade para realizar as atividades por conta própria. REEVE (2009) afirma que a autonomia acadêmica do aluno apresenta resultados positivos em relação a sua motivação e engajamento nas atividades propostas, porém é preciso um preparo desde o ensino básico para que esse aluno assuma esse papel frente ao seu aprendizado.

Quanto a parte teórica, algumas aulas da disciplina de histologia geral e de sistemas foram editadas, de acordo com a discussão realizada entre a professora da disciplina e o monitor. Essas edições ocorreram para inserir imagens e esquemas e dessa forma melhorar a contextualização das aulas, utilizando conceitos mais aplicados a realidade do curso de farmácia. Os alunos, por sua vez, acabaram participando mais das discussões propostas, por se tratar de uma temática mais interessante para eles, resultando em um melhor rendimento nas aulas que tiveram alguma edição.

Sobre as metodologias ativas de ensino, o principal objetivo foi dinamizar as aulas teóricas, com interação dos alunos e abordagens alternativas no conteúdo. A primeira metodologia empregada foi uma aula invertida, na qual foi disponibilizado o conteúdo com antecedência para pesquisa, com a proposta que seriam realizados questionamentos de forma aleatória no período da aula. Os alunos se distribuíram em forma “U” na sala, e as perguntas foram exibidas nos slides ao longo da aula. Entretanto, alguns alunos foram relutantes a mudanças de metodologia, mas com o decorrer da atividade acabaram interagindo. É provável que isso ocorra nas disciplinas ministradas no primeiro semestre, porque alguns alunos ainda estão arraigados a forma tradicional de determinadas escolas de ensino básico, nas quais os conteúdos são repassados através de aulas expositivas e questionários, com pouca participação dos alunos na construção do conhecimento.

Como forma de experimentar de maneira mais eficaz a docência compartilhada, uma aula sobre sistema tegumentar foi ministrada pelo monitor, sob supervisão da professora da disciplina. A aula foi expositivo-dialogada e tinha como objetivo avaliar o conhecimento dos alunos sobre o assunto, antes e depois de ministrar o conteúdo. Com essa finalidade foi realizado um teste para 46 alunos, com aplicação das questões antes de iniciar à exposição do conteúdo e o mesmo teste ao final da aula. Após ser finalizado o envio das respostas, pelos smartphones, podiam conferir a pontuação. Sendo observada uma diferença significativa entre a pontuação inicial quando comparada com a pontuação final, pois a média do primeiro teste foi 1,97 pontos e a do segundo 9,1 pontos. Esse resultado evidencia a importância do aluno refletir sobre suas respostas, e a forma que isso pode interferir no seu desempenho ao refazer o mesmo teste. Pois ao resolver exercícios sobre um conteúdo que não domina, o aluno vai entrar em conflito, optando por alguma alternativa que acha mais coerente em sua resposta. Entretanto, ao assistir a uma aula sobre o mesmo conteúdo, após haver esse autoquestionamento, são mais receptivos aos conceitos trabalhados e isto se refletiu diretamente em seu desempenho no segundo teste. Mostrando que o questionamento sobre determinado assunto, pode contribuir para o desenvolvimento de um conhecimento significativo (VYGOTSKY, 1978).

#### 4. CONCLUSÕES

As metodologias aplicadas e o material desenvolvido durante esse período, só foram possíveis pelo interesse e disponibilidade da professora em aprimorar sua prática pedagógica. Esse novo formato, de trabalhar a monitoria integrada com o professor, possibilitou excelente aprendizado ao monitor, contribuindo para sua formação e acima de tudo, se tornou um espaço de troca de experiências. Mostrou também a importância dos programas de monitoria instituídos pela PRE, pois perante uma carga de trabalho intensa, somente com o auxílio de monitores os professores conseguem desenvolver metodologias alternativas para melhorar o processo de ensino aprendizagem.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, M; G; AZEVEDO, M; E; O; OLIVEIRA, M; C; A. Contribuições da monitoria acadêmica para o processo de formação inicial docente de licenciandas do curso de ciências biológicas da facedi/uece. **Revista da SBEnBio**- Número 7- Outubro de 2014.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB**. Lei Nº 9.394/96.

DAMIANI, M. F., Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios. **Educar**, Curitiba, n.31, p.203-213, 2008.

FARIA, J.; SCHNEIDER, M. S. P. S. **Monitoria: uma abordagem ética**, 2004.

FERREIRA, J.A., ALMEIDA, L.S. & SOARES, A.P. Adaptação acadêmica em estudantes do 1º ano: diferenças de gênero, situação de estudantes e cursos. **Revista Psico-USF**, 6, 1-10, 2001.

NAIMAN, W.M.; RIBEIRO, L.; FERNANDES, V.M.; ASSUNÇÃO, M.G.C. Monitoria Acadêmica como Agente Auxiliador no Processo de Ensino-aprendizagem de Química Geral para Alunos do Ensino Médio. In: **XVIII ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE QUÍMICA**, 18., Florianópolis, 2016.

SANTA-ROSA JG, STRUCHINER, M. Tecnologia educacional no contexto do ensino de histologia: pesquisa e desenvolvimento de um ambiente virtual de ensino e aprendizagem. **Rev Bras Educ Med.** ; 35(2): 289-97, 2011.

SCHNEIDER, M.S.P.S. Monitoria: instrumento para trabalhar com a diversidade de conhecimento em sala de aula. **Revista Espaço Acadêmico**, V. Mensal, 2006.

SILVA, L.Q.P; VALE, L.O.; SOUZA, R.S; SILVA, S.A.; CAVALCANTI, A.D.C. A influência da participação de alunos da rede básica de ensino em atividade de monitoria junto à universidade. **Extramuros – Revista de Extensão da Univasf**. v.3, n.1, p. 35 – 38, 2015.

REEVE, J. Why teachers adopt a controlling motivating style toward students and how they can become more autonomy supportive. **Educational Psychologist, Hillsdale**, v. 44, n. 3, p. 159–175, 2009.

RHEINGANTZ, M.G.T.; MACHADO, I.G. **Histologia Básica Interativa**. 2003 (livro eletrônico, disponível para download em <http://wp.ufpel.edu.br/histologiainterativa/>)

VYGOTSKY, L.S. **Mind in Society: The development of higher psychological processes**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1978.